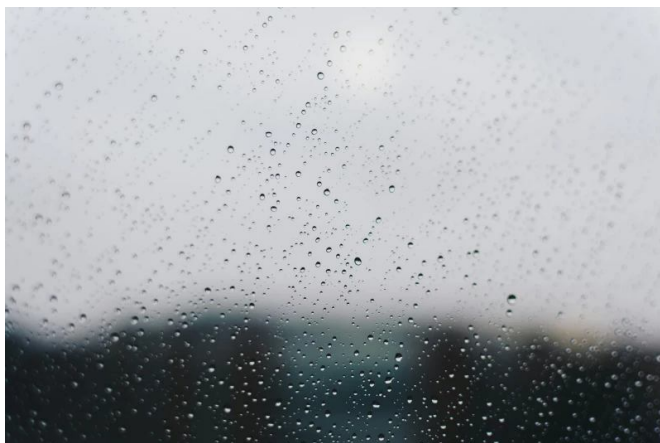


## NOTAS RÁPIDAS



## Vê se não te molhas... se apanhas o vírus depois quem trata de mim?

[Ricardo Vieira](#)

15.11.2024



English

### Resumo

Este texto, de natureza etnobiográfica, dá conta das estratégias de comunicação entre um idoso institucionalizado, em tempo de covid-19, e a sua família. Procura mostrar que nem todas as pessoas compreenderam, verdadeiramente, em que consistiu essa pandemia. Um idoso surdo e com Parkinson usou a sua epistemologia para definir o que seria uma gripe global. A família, em face das dificuldades de audição e compreensão do seu familiar com doença neurológica, encontrou no "método de Paulo Freire" uma forma de potenciar conversa e reflexão a partir de palavras-chave e do seu próprio entendimento e experiência cultural.

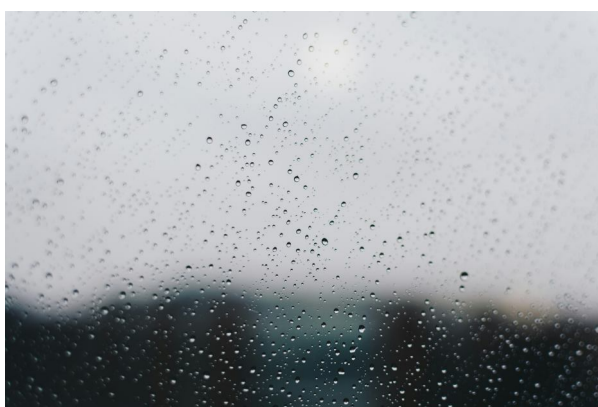
<https://doi.org/10.25660/agora0022.djng-gf14>



Español

Esta secção tem um perfil semelhante ao de um blogue, que pode incluir entradas independentes e originais, mas também breves reflexões de autores de textos publicados na revista, oferecendo uma versão mais "popular", em formato de blogue, do respetivo artigo.

Este texto, de natureza etnobiográfica, dá conta das estratégias de comunicação entre um idoso institucionalizado, em tempo de covid-19, e a sua família. Procura mostrar que nem todas as pessoas compreenderam, verdadeiramente, em que consistiu essa pandemia. Um idoso surdo e com Parkinson usou a sua epistemologia para definir o que seria uma gripe global. A família, em face das dificuldades de audição e compreensão do seu familiar com doença neurológica, encontrou no "método de Paulo Freire" uma forma de potenciar conversa e reflexão a partir de palavras-chave e do seu próprio entendimento e experiência cultural.



Quando a uma relativa institucionalização de sucesso, num lar de idosos, se junta uma alteração profunda dos ritmos quotidianos, conjuntamente com o agravamento e acumular de diversas doenças, os utentes podem não ter condições pessoais para fazer nova recontextualização por forma a entender, por exemplo, que o vírus SARS-Cov2 não é uma simples gripe e que implica isolamentos físicos profundos a que nem as proximidades afetivas e sociais de cuidadores e familiares, manifestadas in loco, com máscaras que só haviam visto a médicos, enfermeiros e dentistas, ou, via telefone ou por videoconferência, conseguem minimizar os prejuízos para com as já relativa qualidade de vida pessoal e social. Podem não conseguir perceber as alterações vistas nos outros e promovidas para si próprios (Vieira, 2014). E tal mudança de práticas, se alterar a autoidentidade, essa imagem de si próprios e essa autoconfiança, bem como se ficar por compreender toda a alteração da gestão dos espaços e dos confinamentos que a Covid-19 implicou, a pessoa pode ficar noutra registo de compreensão que nada tem a ver com o real vivido pelos cuidadores (Vieira e Vieira, 2020). Pode, inclusivamente, levar a que o sujeito fique noutra registo de entendimento que, visto de fora (Vieira, R. e al., 2018), poderá ser classificado de patológico quando, na verdade, trata-se, simplesmente, dum entendimento assente numa mente cultural (Iturra, 1990) descontextualizada com o presente vivido (Frazão e Vieira, 2020).

O Sr. Albino perdera a sua esposa há um ano. Estavam os dois institucionalizados num lar de idosos, próximo da sua casa, o seu outro lar, o doméstico, há cinco anos, ele, há um ano, ela.

2020 e, particularmente, a pandemia do Covid-19, trouxe ao Sr. Albino não só uma vida mais isolada dentro do lar como, também, mais dificuldades acrescidas de comunicação, dada a sua surdez profunda. "Perdi a minha esposa", dizia, "que tanta falta me faz". Mas trouxe, também, com o Covid-19, a ausência daquela visita que era regular, a do filho.

Esta sua visita era projetada antecipadamente, por vezes no sábado ou domingos anteriores, com sugestões de almoço a seu modo, nem que fosse apenas aquilo de que tanto gostava e tantas vezes se habituou a comer como resposta a urgências quotidianas: uma lata de sardinha de conserva com pão e vinho.

O maior isolamento, a menor interação social e a ausência da tradução de ideias por parte da esposa, que lhe repelia perguntas dela ou de outros e lhe explicava com escassas palavras para simplificar raciocínios complexos que, por vezes, já não só não ouvia como também não entendia, acabaram por contribuir para o aumento progressivo da sua surdez, que há muito combatia com a ajuda das próteses auditivas mais poderosas do mercado.

O filho recorreu, então, ao uso de palavras escritas, palavras soltas, mas palavras do quotidiano e vivência do pai, para lhe dar pistas e gerar motivação e discurso pertinente e afim (Bernardo & Vieira, 2020). E assim o Sr. Albino começou a ter conversas em que falava, por vezes, a partir dessas palavras, entre 5 a 10 minutos por cada tema que as mesmas geravam. Estava descoberto um caminho para que a interação não fosse apenas visual e de conversa unidirecional.

Quando, mais tarde, no verão de 2020, o Sr. Albino começou a ter visitas presenciais, uma vez por semana, marcadas entre as diversas solicitações semelhantes de familiares de outros utentes, a separação interpessoal e física continuou grande, pois o vidro que o separava do exterior aumentava ainda mais a dificuldade de audição. De novo as palavras-chave que lhe faziam sentido e o permitiam entender e desenvolver alguma conversa e ganhar ânimo e sentido de vida com a interação com os visitantes.

Contudo, nem assim foi possível que o Sr. Albino compreendesse, verdadeiramente, a razão daquela impossibilidade de sair e ir a sua casa tal como anteriormente. O filho falava-lhe duma gripe forte. Ele dizia que não estava gripado. A lista das palavras chave passaram a integrar "Gripe Mundial", "Gripe Global"... Mesmo assim o Sr. Albino nunca entendeu o verdadeiro significado de uma pandemia.

Nas videochamadas para o lar, face à dificuldade em comunicar, essencialmente por não ouvir, a estratégia compensatória usada pelos familiares passava por apresentar palavras-chave que o Sr. Albino lia no computador recetor, através das quais conseguia começar uma conversa, fazer perguntas ou dar respostas, qual método de Paulo Freire (1997) aqui adequado a quem tinha de processar pensamento e ação a partir de formas alternativas ao entendimento auditivo.

Tratava-se de provocar reflexões e desenvolvimento de narrativas que dão sentido à vida e produzem atividade cerebral no idoso, bem como, consequentemente, qualidade de vida.

Certo dia, numa dessas visitas separadas pelo vidro, começou a chover e o Sr. Albino, ainda muito atento aos pormenores que conseguia decifrar justamente por fazerem parte do seu mundo cultural, alertou o filho para a chuva e disse: "Abre o chapéu que está a chover... Se apanhas o vírus estamos tramados! Quem é que depois trata de mim?".

**Ricardo Vieira** (ESECS.IPLLeiria, CICS.NOVA.IPLLeiria)

#### Referências Bibliográficas

Bernardo, A., & Vieira, R. (2020). Vivendo num lar com vida(s). In *O envelhecimento como um todo. Livro de atas do AgeingCongress 2020* (pp. 555-573). Navarra: Thomson Reuters Aranzadi.

Reuters Aranzadi.

Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

Iturra, R. (1990). *Fugirás à escola para trabalhar a terra*. Lisboa: Escher.

Vieira, R. (2009). *Identidades pessoais: Interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*. Colibri.

Vieira, R. (2014, jan.). Life stories, cultural *métissage* and personal identities. *SAGE Open*, 4(1), <https://doi.org/10.1177/2158244013517241>

Vieira, R., & Vieira, A. (2020). Envelhecimento, trajetórias sociais e mediação intercultural: Vidas revividas e sentidas. In R. Pocinho et al. (Coords.), *O envelhecimento como um todo. Livro de atas do AgeingCongress 2020* (pp. 575-590). Navarra: Thomson Reuters Aranzadi.

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. e Margarido, C. (2018). *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária: estar dentro e estar fora para mediar e intervir*. Porto: Edições Afrontamento.

[< Voltar](#)

etnográfica

**Revista**

Sobre  
Equipa Editorial  
Autores  
Submissão de Artigos  
Números

**Agora**

Sobre  
Equipa Editorial  
Artigos  
Secções

**Política de privacidade**

Iscte-Instituto  
Universitário de Lisboa  
Edifício 4 -  
Iscte\_Conhecimento e  
Inovação, Sala B1.130  
Av. Forças Armadas, 40  
1649-026 Lisboa,  
Portugal  
(+351) 210 464 057  
[etnografica@cria.org.pt](mailto:etnografica@cria.org.pt)